

# PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL



VOL. XIX

1980

N.º 2

EDIÇÃO  
DA  
CÂMARA MUNICIPAL

## 4. TRAJE DE ROMARIA E FESTAS

O traje de romaria e festas, e também de passeio e danças, característico dos poveiros, é o *traje branco* ou *de branqueta* — *varas brancas*, cuja origem remonta ao primeiro quartelão do século XIX e nele entrava a *branqueta*, tecido manual. O *traje branco* foi o que mais perdurou na nossa gente do mar, mantendo-se na gente moça até ao findar do século XIX, principalmente nas danças, jogos de pela, festas e romarias.

Foi sempre o traje escolhido pelos mesários da Lapa nas suas idas a Lisboa como melhor representando o traje local.

Já vimos que, a partir de 27 de Fevereiro de 1892, este traje, como os outros trajes garridos, deixaram de se usar e foi Santos Graça, ao organizar, em 1936, o *Grupo* (Folclórico) *Poveiro*, também chamado *Rancho Poveiro*, que o ressuscitou. Também Fernando Barbosa, quando na Comissão Municipal de Turismo, concorreu para que os banheiros usassem este traje. A isso nos referiremos oportunamente.

Santos Graça <sup>(1)</sup> deixou, felizmente, a descrição do *traje de varas brancas* e a essa descrição nos reportaremos.

Além do *traje de branqueta* usava-se também outro traje de romaria e festas (*traje de chita*), cuja origem se desconhece, salientando-se, no entanto, que, possivelmente, era usado pelos pescadores com mais possibilidades económicas. É que o *traje de branqueta* era um fato que, quando novo, era usado para romarias e festas e, à medida que envelhecia ou se deteriorava, podia ser usado como traje de trabalho, enquanto o *de chita* era destinado exclusivamente à romaria e festas. Ou seria traje de pessoas mais idosas? Ao *traje de chita* nos referiremos também.

## a) Traje masculino

Seguimos à risca a descrição de Santos Graça no trabalho já citado.

<sup>(1)</sup> A. Santos Graça — «Grupo Poveiro — A justificação do seu traje», in *Comércio da Póvoa de Varzim*, 10 de Julho de 1936, pág. 3.

A *farda branca*, como se descrevia nos contratos de meeiros, compunha-se de:

- *calça branca* farta, bolsos abertos ao cimo dos deanteiros e sobre estes e a carcela (*maneira*, no dizer dos poveiros), *pespontos* pretos e vermelhos em feitios diversos; pela costura da calça, os mesmos *pespontos* em zig-zag;
- *Colete branco* do mesmo pano (*branqueta*), com botões de osso;
- *camisola de lã* com motivos em preto e vermelho (escudo nacional, com coroa real; patinhas; siglas; remos cruzados; vertedouros; etc.), em ponto de cruz (fig. 16);
- *camisa de preguinhas* com gola dobrada;
- *casaco branco* com botões cobertos de pano vermelho;
- *barrete de malha de lã branca* com desenhos de cor ou *catalão vermelho*, este marcando a influência galega no traje poveiro. Foi usado em todos os trajes do século XIX;
- *precinta branca* às riscas;
- *coturnos brancos* aos *fatôcos* ou *renda* (reminiscência da *meia-calção?*);
- *soletas* (chinelas de Guimarães de couro amarelo).

Os novos usavam muito, em lugar do *colete branco*, um *colete inteiriço de pano piloto*, pano preto muito fino e brilhante, principalmente quando tinham de se desembaraçar do casaco para jogar a péla ou para dançar. Assim como usavam, na época da *baeta crepe*, com este *colete preto*, *calça branca* com fita preta pela costura.

No Grupo Poveiro, foram postos de parte o *colete* e o *casaco*, inicialmente, porque a *camisola de lã*, depois celebrizada como *camisola poveira* <sup>(15)</sup> <sup>(16)</sup>, com esses ingénuos bor-

<sup>(15)</sup> S. G. (Santos Graça) — «Traje Poveiro», in «*O Comércio da Póvoa de Varzim*», de 1 de Setembro de 1956.

<sup>(16)</sup> A *camisola poveira* era inicialmente feita em Azurara e em Vila do Conde e bordada (ou marcada) na Póvoa pelos velhos pescadores. Em evolução, passou primeiro a ser bordada pelas mães, esposas e noivas dos pescadores, e, depois, feita e bordada na Póvoa.



Fig. 16 — Traje de romaria e festas. Farda branca. Tio Peroqueiro (José da Silva Braga) com a camisola poveira. Foto Neta. 1913. Esta fotografia atesta o carácter genuíno da camisola poveira.

dados, era vistosa e bela, tanto assim que se manteve ao longo das épocas das *varas azuis*, dos *côvados* e das *casimiras*, sendo luxo de velhos e novos. Esses ingénuos desenhos eram bordados pelos velhos da classe que a isso se dedicavam. Posteriormente, a *tocata* do Grupo Poveiro passou a usar *colete* e *casaco*.

Vejamos agora o outro traje de romaria e festas, masculino. O homem envergava:

- *sapato* preto ou *bota* preta;
- *calça* preta;
- *camisa* branca, *puxada* com elásticos nos braços;
- *colete* preto;
- *precinta* branca; e
- *boina* preta.

Anotamos que o *Rancho do Castelo*, nos anos 50, se vestiu com este traje.

#### b) Traje feminino

Ainda segundo Santos Graça, o *traje branco* da mulher poveira compreendia (fig. 17):

- *Saia de vestir* e *saia de costas*, sendo esta diferente da de vestir, pois era uma saia especial, com altura e roda diferentes. Ambas tinham *preguinhas* a direito a formar o quadril, pregas com a altura de 10 a 20 cm, e a prega ao meio da saia em todo o rodo;
- *colete de pano berre* (vermelho), debruado a verde e com pespontos de cores nas costuras dos contornos;
- *lenço branco de metim* (*sarjinha* miuda) com *froque* pequeno do mesmo tecido, pelos ombros;
- *casaco de pano piloto* com barras de setim em feitios, ou de veludo lavrados;
- *flores de ouro com esmalte* ou *argolas de bolota*, grandes, nas orelhas;
- *lenço de barras floridas*, na cabeça, amarrado para trás;



Fig. 17 — Traje de Romaria e festas. O traje branco. Nos anos 50, Fernando Barbosa conseguiu que este traje (masculino e feminino) fosse repostado para os banheiros. É o traje do Grupo Poveiro (Rancho Poveiro).

- *meia branca lisa*;
- *chinelas pretas* de bico arrebicado;
- à volta da cinta, para arregaçar a saia, *listrões* de cores diversas.

Os *listrões* marcam, no traje feminino, a influência galega, que no traje masculino é marcada pelo *atalão*.

Diz-nos Santos Graça sobre o *listrão*:

«O *listrão* tem também a sua história de amor: o poveiro enamorado que arribasse à Galiza tinha de trazer o *listrão* à sua namorada: ao abicar o barco à praia, chamando-a, erguia bem alto o braço com o *listrão* na mão. Então a moça corria até ao farfalho da maré para receber o presente e o abraço do noivo, ali mesmo arregaçando, com ele, as saias no meio das palmas e a alegria das companheiras. E o *listrão* generalizou-se confeccionado pelas pescadeiras e aportuguesado com o nome de *ourêlos*, porque o *listrão* era só o qu vinha de La Guardia ou Baiona».

Vejamos agora o *fato de chita* (fig. 18).

As mulheres de mais posses (ou as mais idosas?) davam-se ao luxo de ter um *fato* próprio para a Romaria e festas. Consistia de uma *saia de chita*, usada por cima do *saiote vermelho*, e *casaco de chita*. A saia era arregaçada levemente com um *ourela*. Para encobrir o farnel, levantava a saia de chita, o que servia ainda para mostrar o luxo do *saiote*. Este *saiote vermelho* era uma das peças de vestuário mais do agrado da mulher poveira, que o guarnecia com *bordados de soutache*, *fitas de veludo preto*, ou, ainda, *desenhos feitos com veludo preto* ou *bordados à máquina*.

Calçava *chinela* e na cabeça usava *lenço* amarrado para trás.

No braço, para a romaria, transportava uma *saca de renda de crochet* feita aos serões, *saca* essa em que levava a *rosca*.

Para a romaria transportavam também a *rabeta* de barro, à cabeça, com o arroz. Esta *rabeta* era embrulhada num *guardanapo* branco, atado nas pontas.